laborhistórico

ISSN 2359-6910
https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/

ARTIGO

Recebido em 30 de agosto de 2019
Aprovado em 3 de novembro de 2019

A combinação de prefixos no galego-português

The combination of prefixes in the Galician-Portuguese

DOI: https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.31990

Mailson dos Santos Lopes

Professor de Língua Espanhola da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Língua e Cultura (Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (2018), em regime de cotutela com a Universidade de Coimbra. Dedica-se a investigações no âmbito da Linguística Histórica, com ênfase em Morfologia, Semântica e Lexicologia das línguas portuguesa, espanhola e galega, especialmente nos seguintes temas: formação de palavras (prefixação e parassíntese) e antroponímia.

E-mail: mailson.lopes@ufba.br
ORCID: http://orcid.org/0000-0003-3926-0494

RESUMO

Almejamos descrever panoramicamente a combinação de prefixos no galego-português dos séculos XIII a XVI, mediante uma análise de vocábulos prefixados depreendidos de um *corpus* textual representativo desse macrossistema linguístico em seu arco temporal arcaico. O que aqui denominamos de *combinação* ou *combinatória de prefixos*, como os próprios termos sugerem, consiste na adjunção de um prefixo a um vocábulo já prefixado, como, por exemplo, em *arrenegado* (*a(d)-* + *re-*), *desencaixotar* (*des-* + *en-*) e *reconfirmação* (*re-* + *com-*). Embora presente no vernáculo desde os seus primórdios (na verdade, algo que já se verifica na língua latina), a combinação de prefixos tem sido pouco explorada nas línguas românicas e na sua matriz genolexical. Apresentaremos alguns comentários descritivo-analíticos sobre a configuração do fenômeno no período recortado, fincados na observação dos moldes combinatórios entre os formativos envolvidos, com a identificação daquelas unidades prefixais que se prestam a essa operação, quais têm maior capacidade geradora e em qual posição normalmente figuram. A proposta vem pautada no lastro teórico-epistemológico das premissas fundamentais da morfologia histórica, numa visão epistemológica compromissada com o fato linguístico, com a valorização do dado empírico e com a consideração do evidente fator diacrônico da língua, apoiando-se em uma intersecção entre informações de natureza histórica e um olhar sistêmico dos processos morfolexicais.

Palavras-chave: Morfologia histórica. Galego-português. Período arcaico. Afixação. Combinação prefixal.

ABSTRACT

The present paper aims to describe the combination of prefixes in the Galician-Portuguese from the 13th to the 16th centuries, through an analysis of prefixed words derived from a textual corpus that is representative of this linguistic macrosystem in its archaic temporal arc. A fact that, in this present paper, will be addressed as combination or combinatorial of prefixes. As the terms themselves suggest, it consists of the addition of a prefix to a word already prefixed, such as, for example, *arrenegado* — '*unruly*' — (*a(d)-* + *re-*), *desencaixotar* — '*unpack*' — (*des-* + *en-*) and *reconfirmação* — '*reconfirmation*' — (*re-* + *com-*). Although it has been present in the vernacular since its beginnings (in fact, that is already verified in Latin), the combination of prefixes has been little explored in the Romance languages and in their genolexical matrix. We will present some descriptive-analytical comments on the

configuration of the phenomenon in the cut-out period (from the 13th to the 16th centuries), based on the observation of the combinatorial patterns among the training courses involved, with the identification of those prefix units that are suitable for this operation, which ones have the greatest generating capacity and in which position they usually appear. The proposal is based on the theoretical-epistemological basis of the fundamental premises of historical morphology, in an epistemological view that is committed to the linguistic fact, the valuation of the empirical data and with the consideration of the evident diachronic factor of the language, based on an intersection between information of historical nature and a systemic view of morphological processes.

Keywords: Historical morphology. Galician-Portuguese. Archaic period. Affixing. Prefix combination.

Introdução

Algumas facetas da morfologia lexical encontram-se ainda pouco ou nada exploradas, como, por exemplo, a abordagem (diacrônica ou sincrônica) de alguns sufixos de carga semântica mais abstrata, como *-ice* (*crendice*, *maluquice*) e *-idade* (*jocosidade*, *voluntariedade*), a rede polissêmica de outros pospositivos afixais, como *-iço* (*namoradiço*, *caniço*), além de — para nos retermos mais ao âmbito que nos interessa, a prefixação — os fenômenos de coordenação, concorrência e combinação de prefixos, bem como a perquirição diacrônica das motivações e consequências da obsolescência em português (e noutras línguas românicas) de alguns formativos prefixais, como o *per-*, frente à sua manutenção e vitalidade em uma ou outra língua novilatina, tal como se dá no asturiano.

Apesar de se registrar na língua portuguesa desde os seus estágios primevos (na verdade, algo que já se observa na língua latina), a combinatória de prefixos — tal como a de sufixos —, ao que parece, tem sido pouco explorada, seja num viés sincrônico, seja num viés histórico-diacrônico, não apenas para o português, senão também para o latim e várias línguas românicas.

Com o escopo de fornecer alguma contribuição à literatura morfológica voltada à prefixação, pretendemos voltar-nos neste texto à descrição e análise da combinação de prefixos em galego-português (GP)[1], focando em dados do período arcaico (séculos XIII a XVI), mas também com algumas menções sobre o seu comportamento hodierno.

O que aqui denominamos de *combinação* ou *combinatória de prefixos* (ZIRKEL, 2010; TORRE ALONSO, 2011; DEPUYDT, 2009; VARELA, 2005; VARELA; MARTÍN GARCÍA, 1999) é também conhecido por *prefixos combinados* (MARTÍN GARCÍA, 1996), *dupla prefixação/prefixos sobrepostos/sobreposição de prefixos* (SCHWINDT, 2000), *prefixação sucessiva* (HENRIQUES, 2007; TORRE ALONSO, 2011), *recursividade de afixos* (TORRE ALONSO, 2011), *superposição prefixal/sobreprefixação* (LOPES, 2013) e, como os próprios termos sugerem, consiste em uma concatenação de elementos da margem esquerda do vocábulo, ou seja, uma adjunção de um prefixo2 a um vocábulo em que já figura um prefixo1, sob um esquema [pref.2[pref.1[X]]], como, p. ex., em *acontraltado* (*a(d)- + contra-*), *arreatar* (*a(d)- + re-*), *desabotoar* (*des- + a(d)-*), *descoordenação* (*des- + com-*),

[1] Em razão da limitada extensão deste artigo, eximimo-nos aqui de discorrer pormenorizadamente sobre a decisão de empregarmos o termo *galego-português* para recobrir os séculos XII/XIII a XVI (e não exclusivamente os séculos XII/XIII e XIV, como comumente se faz na filologia e linguística histórica de âmbito lusófono). Remetemos o leitor para os estudos de Lopes (2019, 2018), que apontam imprecisões quanto ao emprego do termo *português arcaico* e também quanto à associação do termo *galego-português* exclusivamente para a primeira sincronia arcaica (séculos XII/XIII e XIV).

desenamorar (*des-* + *en-*), *reaproveitamento* (*re-* + *a(d)-*), *reembolsar* (*re-* + *en-*) etc.[2] Não se confunde, portanto, com a coordenação de prefixos (e.g., em *exames clínicos intra e extra-orais* ou *acompanhamento pré e pós-parto*), sendo este último um fenômeno também pouco explorado — quer sincrônica, quer diacronicamente — e que, pelas nossas leituras de testemunhos textuais mediévicos do galego-português e do espanhol, não parece se registrar nessas sincronias.

A análise da combinação de prefixos no galego-português dos sécs. XIII a XVI emergiu da observação do comportamento desses elementos afixais da margem esquerda do vocábulo em um *corpus* representativo do período (meia centena de documentos remanescentes, jurídico-notariais e literários, de natureza tipológica variada)[3]. Para obtermos o arcabouço lexical para análise, buscamos realizar a recolha, o mais abrangente possível, de cada uma das combinações de prefixos, inserindo-as em tabelas em que também foram registrados o sentido e o étimo do derivado, a averbação e as referências sobre o documento em que foram depreendidas tais formas. Todas as palavras lexicais (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios em *-mente*) que apresentaram, em seu processo constitutivo, dois ou mais prefixos concatenados, foram selecionadas e passaram a integrar a base de dados para análise.

Sabendo que em muitos vocábulos os prefixos não são nitidamente/facilmente depreensíveis para um falante hodierno (e.g., *aquecer*, *considerar*, *destruir*, *expirar*, *intelectual*, *perseverança*, em que historicamente há os prefixos *ad-*, *com-*, *de-*, *ex-*, *inter-*, *per-*, podendo, inclusive, sob um viés epistemológico linguístico de caráter a-histórico, serem postos completamente de lado — sendo

[2] Neste artigo, fazemos uso dos termos *combinação/combinatória de prefixos*, *combinação/combinatória prefixal*, *concatenação de prefixos*, *concatenação prefixal*, *superposição de prefixos*, *superposição prefixal* e *sobreprefixação*, todos eles associados à definição ora exposta, tomados, portanto, como termos equivalentes.

[3] Foram examinados 5 a 30 fólios de cada um dos 50 registros textuais, sendo 48 destes consultados no *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM; <cipm.fcsh.unl.pt>), dirigido pela Dra. Maria Francisca Xavier (*in memoriam*): *Textos Notariais in Clíticos na História do Português* (TNC13 – s. XIII; TNC14 – s. XIV; TNC15 – s. XV; TNC16 – s. XVI), *Textos Notariais in História do Galego-Português* (TNH13 – s. XIII; TNH14 – s. XIV; TNH15 – s. XV; TNH16 – s. XVI), *Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo* (TNAT13 – s. XIII; TNAT14 – s. XIV), *Chancelaria D. Afonso III* (CDA3 – s. XIII), *Chancelaria D. Afonso IV* (CDA4 – s. XIV), *Dos Costumes de Santarém* (DCS13 – s. XIII; DCS14 – s. XIV), *Foros de Garvão* (FG13 – s. XIII; FG14 – s. XIV), *Tempos dos Preitos* (TP – s. XIII), *Foro Real, de Afonso X* (FR – s. XIII), *Primeyra Partida, de Afonso X* (PP – s. XIV), *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (VSMA – s. XIV), *Arte de Trovar* (AT – s. XIV), *Crónica Geral de Espanha* (CGE – s. XIV), *Livro de Montaria* (LM – s. XIV), *Narrativa de livro de linhagens* (NLL – s. XIV), *Orto do Esposo* (OE – s. XIV), *Cantigas de Amigo* (CAMI – s. XIII), *Cantigas de Santa Maria* (CSM – s. XIII), *Cantigas de Escárnio e Maldizer* (CEM13 – s. XIII; CEM14 – s. XIV), *Cantigas de Amor* (CA13 – s. XIII; CA14 – s. XIV), *Crónica de Dom João I* (CDJI – s. XV), *Crónica de Dom Pedro I* (CDPI – s. XV), *Leal Conselheiro* (LC – s. XV), *Demanda do Santo Graal* (DESG – s. XV), *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela* (LEBC – s. XV), *Carta de Pêro Vaz de Caminha* (CPVC – s. XV), *História dos Reis de Portugal in Crónica Geral de Espanha* (HRP – s. XV), *Castelo Perigoso* (CP – s. XV), *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (CCDPM – s. XV), *Livro das Tres Vertudes* (LTV – s. XV), *Penitencial de Martim Perez* (PMP – s. XV), *Sacramental* (SACR – s. XV), *Tratado de Confissom* (TC – s. XV), *Vida de D. Telo* (VDT – s. XV), *Vida de S. Teotónio* (VST – s. XV), *Catecismo* (CATEC – s. XVI) e *Crónica dos Reis de Bisnaga* (CRB – s. XVI). Os dois restantes, *Diálogos de São Gregório* (DSG – s. XIV) e *Livro dos Usos da Ordem de Cister* (LUOC – s. XV), foram consultados, respectivamente, nas edições realizadas por Machado Filho (2008) e Sampaio (2013).

analisados como parte do radical —), optamos por elencá-los, ainda quando seu caráter afixal não fosse imediatamente transparente, tomando como norteadores dicionários etimológicos portugueses e latinos[4]. Tal postura se baseia na compreensão de que a constituição do paradigma prefixal do galego-português vincula-se diretamente ao patrimônio genolexical herdado do latim (RIO-TORTO, 2012); assim, as prefixações realizadas nessa língua matriz serviram (e ainda servem) de base para a constituição de um sistema parcialmente análogo, que é o do vernáculo. Aderimos, por conseguinte, ao posicionamento de Viaro (2012), quando assevera que nada justifica a negação de elementos de sincronias pretéritas da língua.

1. O que nos diz a literatura sobre a combinatória de prefixos

Dos estudos consultados sobre a prefixação no latim, são escassos os que abordam o fenômeno da combinação de prefixos e, quando o fazem, é de forma tangencial ou abreviada. Para que tenhamos ideia, aquela que pode ser tomada como a obra mais pormenorizada já publicada em português sobre a prefixação latina (ROMANELLI, 1964), sequer discorre sobre essa classe de operação morfolexical.

Destoa desse quadro geral o artigo de Dinu (2012, p. 130), que, mesmo sendo um texto breve, traz uma importante assunção sobre o fenômeno, quando distingue a erosão semântica (enfraquecimento do significado transparente das formações) como uma das causas principais para a sobreprefixação: "In the course of time the semantics of some prefixed formations is becoming blurred and therefore the need to strengthen it with other prefixes is felt [...].". É o que se dá, por exemplo, segundo essa autora, em casos como *adaligāre* [*ad-* [*al-* + *-ligāre*]], *corresuscitāre* [*co-* [*re-* [*sus-* + *-citare*]]] e *coadimplēre* [*co-* [*ad-* [*im-* + *-plēre*]]].

Inicialmente, por não nos depararmos com estudos específicos sobre o tema para a língua latina e por somente encontrarmos um ou outro breve excerto sobre ele nas inúmeras obras consultadas, pensávamos que se tratava de um fenômeno pouco relevante, marginal ou esporádico nessa língua. Afirmações como a de Alves (2000, p. 45)[5], ao apontar que a "[...] acumulação de prefixos já existe no latim (*in-com-men-dare*, *cum-in-itiare*, *im-per-territus*), embora em proporções mais modestas do que no romanço [...]." e a observação dos raros exemplos que aparecem em listas de vocábulos latinos, como os elencados por Hendrickson (1948) — *deperire* (*de-* + *per-*), *pertransire* (*per-* + *trans-*), *praeoccupare* (*prae-* + *oc-*), *recognoscere* (*re-* + *cum-*), *reconciliatio* (*re-* + *cum-*), *repromittere* (*re-* + *pro-*) —

[4] Eis o que expõe Borba (2003, p. 81) sobre essa questão: "A identificação de afixos nem sempre é possível pela técnica sincrônica da comutação. Muitas vezes a liberação deles só se faz pela análise diacrônica."
[5] Pautada em Vasconcelos (1946).

só serviram para corroborar essa impressão inicial, que, como se verá a seguir, é completamente equivocada.

Com a curiosidade de achegarmo-nos melhor ao funcionamento do fenômeno supracitado no latim, levados pela convicção de que para um estudo mais sólido sobre qualquer faceta da morfologia lexical nas línguas românicas (mormente o de períodos pretéritos recuados) convém uma apropinquação à matriz latina (PENA, 2009), já que os procedimentos genolexicais desta refletem-se nos daquelas (FURLAN, 2006), aplicamo-nos a observar a combinatória de prefixos latinos a partir do *DLPPE - Dicionário latim-português da Porto Editora* (2001). Reconhecemos que se trata de um artifício metodológico que não é o ideal, visto que, para a depreensão dos dados, melhor seria nos debruçarmos sobre as edições de textos latinos, não sobre produtos lexicográficos. No entanto, devido a buscarmos uma modesta aproximação ao fenômeno e por termos proficiência limitada em latim, o que calhou como melhor opção tangível foi o recurso ao dicionário supramencionado.

Ao procedermos à recolha exaustiva de todas as combinações prefixais registradas no dicionário consultado, foi grande a surpresa, pois os dados empíricos apontaram em uma direção diametralmente oposta às nossas impressões iniciais. Pela multiplicidade de esquemas combinatórios que apresentava e pelo número pujante de ocorrências, o latim figurava como muito propício à sobreprefixação, envolvendo nada menos que 27 elementos prefixais distintos[6], em 108 ocorrências. Devido a isso, nada mais equivocado do que pensar a sobreprefixação como um procedimento destituído de produtividade no latim. Pelo contrário, trata-se de um tipo específico de adjunção prefixal que gozava de uma vívida incidência nessa língua.

Seguem-se as combinatórias detectadas no *corpus* lexicográfico adotado (DLPPE, 2001), acompanhadas de exemplos:

(1) *ab-* + *amb(i)-* (*abambulāre*);

(2) *ab(s)-* + *cum-* (*abscondĕre*);

(3) *ab-* + *re-* (*abrenuntiāre*);

(4) *ad-* + *ad-* (*adaggerāre*);

(5) *ad-* + *amb(i)-* (*adambulāre*);

[6] Como se verá na seção subsequente, trata-se de um número superior ao total de unidades envolvidas em sobreprefixações no GP, no *corpus* analisado, que foi de 19 prefixos. Quanto aos moldes combinatórios, também o latim revelou um cômputo superior ao do GP, pois enquanto este apresentou 31, aquele apresentou 108. E o mesmo se pode dizer em relação ao número de ocorrências: 185 para o GP frente a 664 para o latim.

(6) *ad-* + *cum-* (*accognoscĕre*);

(7) *ad-* + *in-*$_1$[7] (*adimplēre*);

(8) *ad-* + *per-* (*appertinēre*);

(9) *ad-* + *pro-* (*appromittĕre*);

(10) *ad-* + *sub-* (*assurgĕre*);

(11) *ante-* + *amb(i)-* (*anteambŭlō, -ōnis*);

(12) *ante-* + *ob-* (*anteoccupāre*);

(13) *circum-* + *in-*$_1$ (*circumincidĕre*);

(14) *circum-* + *pro-* (*circumprojicĕre*);

(15) *cum-* + *ad-* (*coaccedĕre*);

(16) *cum-* + *amb(i)-* (*coambulāre*);

(17) *cum-* + *de-* (*condeliquescĕre*);

(18) *cum-* + *dis-* (*condiscumbĕre*);

(19) *cum-* + *ex-* (*coexercitāre*);

(20) *cum-* + *pro-* (*compromittĕre*);

(21) *cum-* + *re-* (*correquiescĕre*);

(22) *cum-* + *re-* + *sub-* (*corresurgĕre*);

(23) *cum-* + *sub-* (*consurgĕre*);

(24) *de-* + *amb(i)-* (*deambulāre*);

(25) *de-* + *per-* (*deperdĕre*);

(26) *de-* + *pro-* (*depropitiāre*);

[7] O *in-*$_1$ é o *in-* dito *lativo* (RIO-TORTO, 2016).

(27) *de-* + *re-* (*derelinquĕre*);

(28) *de-* + *sub-* (*desurgĕre*);

(29) *dis-* + *cum-* (*discondūcit*);

(30) *ex-* + *ad-* (*exaggĕrāre*);

(31) *ex-* + *amb(i)-* (*exambulāre*);

(32) *ex-* + *cum-* (*excommūnicāre*);

(33) *ex-* + *per-* (*expergēfacĕre*);

(34) *ex-* + *por-* (*exporrigĕre*);

(35) *ex-* + *pre-* (*exprimĕre*);

(36) *ex-* + *pro-* (*expromittĕre*);

(37) *ex-* + *sub-* (*exsuppurāre*);

(38) *in-*$_1$ + *ad-* (*innaggerātus, a, um*);

(39) *in-*$_1$ + *e(x)-* (*inēmŏrī*);

(40) *in-*$_1$ + *ob-* (*inoblectāri*);

(41) *in-*$_1$ + *prae-* (*impraegnāre*);

(42) *in-*$_1$ + *sub-* (*insufflāre*);

(43) *in-*$_2$[8] + *ab-* (*inabruptus, a, um*);

(44) *in-*$_2$ + *ad-* (*inadspectus, a, um*);

(45) *in-*$_2$ + *circum-* (*incircumcīsus, a, um*);

(46) *in-*$_2$ + *cum-* (*incoinquinābĭlis, e*);

(47) *in-*$_2$ + *contra-* (*incontrādīcibĭlis, e*);

[8] O *in-*$_2$ é o *in-* negativo.

(48) *in-*$_2$ + *de-* (*indēplōrātus, a, um*);

(49) *in-*$_2$ + *dis-* (*indispēnsātus, a, um*);

(50) *in-*$_2$ + *ex-* (*ineffĭcax, ācis*);

(51) *in-*$_2$ + *ex-* + *per-* (*inexperrectus, a, um*);

(52) *in-*$_2$ + *in-*$_1$ (*inintellĕgēns, entis*);

(53) *in-*$_2$ + *inter-* (*inintellĕgēns, entis*);

(54) *in-*$_2$ + *ob-* (*inobsolētus, a, um*);

(55) *in-*$_2$ + *per-* (*imperjūrātus, a, um*);

(56) *in-*$_2$ + *prae-* (*impraeparātus, a, um*);

(57) *in-*$_2$ + *pro-* (*improvĭdus, a, um*);

(58) *in-*$_2$ + *re-* (*irreformābĭlis, e*);

(59) *in-*$_2$ + *re-* + *per-* (*irrepercussus, a, um*);

(60) *in-*$_2$ + *sub-* (*insubsidiātus, a, um*);

(61) *per-* + *ab-* (*perabsurdus, a, um*);

(62) *per-* + *ad-* (*peraccomodātus, a, um*);

(63) *per-* + *amb(i)-* (*perambulāre*);

(64) *per-* + *bene-* (*perbenevŏlus, a, um*);

(65) *per-* + *cum-* (*perconterrēre*);

(66) *per-* + *dis-* (*perdifficĭlis, e*);

(67) *per-* + *ex-* (*perēgregĭus, a, um*);

(68) *per-* + *in-*$_1$ (*perillustris, e*);

(69) *per-* + *in-*$_2$ (*perincertus, a, um*);

(70) *per-* + *in-*$_2$ + *cum-* (*perinconsĕquēns*);

(71) *per-* + *ob-* (*peropportūnus, a, um*);

(72) *per-* + *pro-* (*perpropinquus, a, um*);

(73) *per-* + *sub-* (*persubtīlis, e*);

(74) *prae-* + *cum-* (*praecommovēre*);

(75) *prae-* + *de-* (*praedelassāre*);

(76) *prae-* + *e(x)-* (*praeēminēre*);

(77) *prae-* + *pos(t)-* (*praeposterātĭo, -ōnis*);

(78) *pro-* + *de-* + *amb(i)-* (*prodeambulāre*);

(79) *pro-* + *sub-* (*prōsubĭgĕre*);

(80) *re-* + *ad-* (*readūnatĭō, ōnis*);

(81) *red-* + *amb(i)-* (*redambulāre*);

(82) *re-* + *cum-* (*recompingĕre*);

(83) *re-* + *in-*$_1$ (*reinvenīre*);

(84) *re-* + *male-* (*remaledicĕre*);

(85) *re-* + *per-* (*repercussus, a, um*);

(86) *re-* + *prae-* (*repraesentāre*);

(87) *re-* + *pro-* (*repromissĭō, ōnis*);

(88) *re-* + *sub-* (*resuscitāre*);

(89) *re-* + *trans-* (*retransīre*);

(90) *sub-* + *ab-* (*subabsurdus*);

(91) *sub-* + *ad-* (*subarroganter*);

(92) *sub-* + *de-* (*subdēficĭēns, entis*);

(93) *sub-* + *dis-* (*subdiffidĕre*);

(94) *sub-* + *e(x)-* (*suberigĕre*);

(95) *sub-* + *in-*$_1$ (*subinflĕre*);

(96) *sub-* + *in-*$_2$ (*subinsulsus, a, um)*;

(97) *sub-* + *inter-* (*subintellegĕre)*;

(98) *sub-* + *intro-* (*subintroducĕre)*;

(99) *sub-* + *ob-* (*suboffendĕre)*;

(100) *sub-* + *per-* (*subperturbāre)*;

(101) *sub-* + *re-* (*subremanēre)*;

(102) *super-* + *ab-* (*superabundāre)*;

(103) *super-* + *ad-* (*superadvolāre)*;

(104) *super-* + *e(x)-* (*superelevāre)*;

(105) *super-* + *in-*$_1$ (*superilligāre)*;

(106) *super-* + *ob-* (*superoccupāre)*;

(107) *super-* + *sub-* (*supersubstantiālis, e)*;

(108) *trans-* + *ad-* (*transadigĕre)*.

Das superposições prefixais reproduzidas, constatamos que se fincam em 108 modos distintos de concatenação. Podem figurar tanto em primeira quanto em segunda posição[9] os formantes *ab-*, *ad-*, *circum-*, *cum-*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *in-*$_1$, *in-*$_2$, *per-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *sub-* e *trans-*. Já os prefixos *ante-* e *super-* só ocorreram em segunda posição, diferentemente de *amb(i)-*, *bene-*, *contra-*, *inter-*, *intro-*, *male-*, *ob-*, *por-*, *pos(t)-* e *pre-*, que só figuram em primeira posição nas combinatórias prefixais. De todos os prefixos, os que possuem maior capacidade concatenativa ocupando a segunda posição são *in-*$_2$ (17

[9] A primeira posição (prefixo1) é aquela mais interna à base léxica, enquanto a segunda (prefixo2) é a mais externa a ela. Sendo assim, em *arrenegar*, o *a(d)-* ocupa a segunda posição e o *re-* a primeira.

combinatórias), *per-* (13 combinatórias), *sub-* (12 combinatórias), *re-* (10 combinatórias), *cum-* (9 combinatórias), *ex-* (8 combinatórias) e *ad-* (7 combinatórias); já em primeira posição, são *ad-* (10 combinatórias), *sub-* (10 combinatórias), *amb(i)-* (8 combinatórias), *ex-* (8 combinatórias), *pro-* (8 combinatórias), *cum-* (7 combinatórias) e *re-* (7 combinatórias).

No que concerne ao número de vocábulos sobreprefixados que geram, as partículas mais produtivas são *in-*$_2$ (330 ocorrências), *per-* (52 ocorrências), *super-* (49 ocorrências), *re-* (45 ocorrências), *ex-* (36 ocorrências), *cum-* (31 ocorrências), *ad-* (30 ocorrências) e *sub-* (27 ocorrências). Quanto a esse mesmo parâmetro, os esquemas de formação mais prolíficos são *in-*$_2$ + *cum-* (100), *in-*$_2$ + *ex-* (67), *in-*$_2$ + *de-* (34), *in-*$_2$ + *dis-* (30), *in-*$_2$ + *re-* (29), *super-* + *in-*$_1$ (26), *in-*$_2$ + *ob-* (16), *re-* + *cum-* (24), *in-*$_2$ + *per-* (15), *per-* + *in-*$_2$ (15), *per-* + *ex-* (11), *in-*$_2$ + *ad-* (10), *super-* + *ex-* (10), *prae-* + *cum-* (8) e *super-* + *ad-* (8). Detectamos 9 casos de tripla prefixação no *corpus*, gerados a partir de 6 moldes concatenativos distintos: *cum-* + *re-* + *sub-* (*corressurgĕre*, *corresuscitāre*), *in-*$_2$ + *ex-* + *cum-* (*inexcōgitābĭlis, ae*; *inexcōgitābilĭter*; *inexcōgitātus, a, um*), *in-*$_2$ + *ex-* + *per-* (*inexperrectus, a, um*), *in-*$_2$ + *re-* + *per-* (*irrepercussus, a, um*), *per-* + *in-*$_2$ + *cum-* (*perinconsĕquēns*) e *pro-* + *de-* + *amb(i)-* (*prodeambulāre*).

Na maioria dos casos de sobreprefixação latina, ambos os formantes prefixais veiculam simultaneamente alguma carga semântica; não obstante, há alguns em que o prefixo2 parece apresentar-se com conteúdo semântico opaco/vazio/indeterminável — e.g., *abremissĭō, -ōnis*; *adincrescĕre*; *correquiescĕre*; *deambulāre* etc. —; em outros, é o prefixo1 que assim se porta (e.g., *indēplōrātus, a, um*; *irreligātus, a, um*; *subdealbāre*; *superemorirī* etc.), corroborando a percepção de Dinu (2012). Cabe apontar que, quanto ao segundo grupo de exemplos, em geral, o prefixo já era expletivo na primeira derivação em que atuava (p.ex., *de-* em *dealbāre*).

Haveria ainda muito sobre o que discorrer a respeito dessa operação morfolexical no latim, mas, como o foco deste artigo não gira em torno dessa língua, caberá a outrem (ou a nós), numa ocasião futura, um estudo específico sobre a combinação de prefixos na matriz latina, explorando detidamente um *corpus* lexicográfico mais robusto e perscrutando edições filologicamente confiáveis de textos subsistentes da língua de Cícero.

Voltando-se do latim às línguas que dele descenderam, a respeito do fenômeno em foco, Varela e Martín García (1999), referindo-se ao espanhol, afirmam que a combinação prefixal não é prolífica, pois se encontra submetida a restrições semânticas muito rígidas, que fazem com que os casos de múltipla concatenação de elementos prefixais sejam raros. Dentre as principais restrições, também apontadas pelas autoras mencionadas, a mais categórica (e também aplicável ao português[10]) é a impossibilidade de um prefixo de teor mais prepositivo (como *a-*, *en-*, *co-* etc.) se superpor a uma base

[10] Em formações estritamente vernáculas, pois há um ou outro caso de sobreprefixação herdado do latim em que ao vocábulo constituído por um prefixo de teor adverbial acopla-se um segundo prefixo de teor preposicional.

derivada via adjunção de um prefixo de teor mais adverbial[11] (como *des-*, *re-* ou *sobre-*, por exemplo): **a-des-merecer*, **en-re-carcerar*, **co-sobre-orientar*.

No português e no espanhol, a superposição dá-se, sobretudo, através da inserção dos prefixos *a(d)-*, *contra-*, *des-*, *ex-*, *re-*[12], observáveis, por exemplo, nos seguintes vocábulos: *arremeter* (port./esp.), *contraendosar* (esp.), *desembarcar* (port./esp.), *desempaquetar* (esp.), *ex-vice-presidente* (port./esp.), *reemitir* (port./esp.), *reincorporar* (port./esp.).

É a tese de Martín García (1996), entre os estudos consultados, um dos que mais pormenorizada e sistematicamente discorrem sobre as condições e restrições de adjunção sucessiva de prefixos. Embora tenha como foco o prefixo *re-* na língua espanhola, acaba também expondo diversas considerações relevantes sobre o comportamento de outros formantes em combinações prefixais, que também parecem aplicáveis ao português. De acordo com essa morfóloga, há restrições semânticas à combinação de prefixos pautadas no conteúdo de cada formante, fazendo, assim, que formas como **redesprivatizar* e **desreprivatizar* sejam agramaticais (um *des-* reversativo não se se agrega a um vocábulo com um *re-* iterativo e vice-versa), bem como **reinvalidar* e **reinabilitar* (pelo fato de resultados verbais negativos não poderem ser modificados ou repetidos). Em outras palavras, ainda seguindo o pensamento da autora aludida, a semântica do prefixo que se sobrepõe a um vocábulo já prefixado, além de ser sensível à semântica da base primitiva[13] (em geral, um verbo), também o é à semântica do primeiro formante que a ela se acoplou. Por essa razão, é possível uma construção como *superdesconcordar* (pode-se intensificar uma negação ou uma contrariedade), mas não **dessuperconcordar* (não parece ser possível negar ou reverter uma intensificação).

Em outro estudo seu, Martín García (1998a) assinala que formas derivadas de teor contraditório constituídas com prefixos negativos (como *no-bueno* ou *indecorable*) não licenciam a sobreposição de prefixos intensivos (daí serem agramaticais **super-no-bueno* ou **superindecorable*), mas o permitem aqueles derivados de teor opositivo constituídos com prefixos negativos (e.g., em *super-inmoral* e *super-desagradable*). Também sinaliza que derivados formados por prefixos dimensionais licenciam a sobreposição de intensificadores (e.g., *supermegaciudad*, *supermacrofiesta*) e que estes últimos podem ser reduplicados (*super-super-divertido*, *archi-archiconocido*), o que não ocorre com toda a rede de formantes (**desdesagradable*, **prepreexistir*). De acordo ainda com o mesmo estudo, o redobro de outros prefixos

[11] Varela e Martín García (1999), com base em critérios semânticos e etimológicos, propõem quatro categorias de prefixos: os preposicionais, os adjetivais, os adverbiais e os modificadores. Di Sciullo (1996) distingue apenas duas classes: os prefixos preposicionais e os prefixos adverbiais. Para um maior detalhamento sobre esse tema, cf. Varela e Martín García (1999), Depuydt (2009) e Martín García (1998b).

[12] Além dos prefixos intensificadores *archi-/arqui-*, *mega-*, *super-* e *ultra-* (*archisuperconocido*, *superimoral*, *supermegaciudad*; *megaultradiscreto*, *supermegaresponsável*).

[13] Oliveira (2004, p. 123) afirma que "[...] os prefixos fazem seleção morfológica e semântica das bases a que se unem.". Silva e Mioto (2009), Medeiros (2010), Depuydt (2009), dentre outros, também concordam com a ideia de existência de uma seleção de teor semântico promovida pelos prefixos ao se acoplarem a suas bases morfolexicais.

que não são intensificadores *per se* pode fazer que o elemento à extrema esquerda funcione como tal: *anti-anti-comunismo* ('muito contrário ao comunismo'), *pro-pro-comunismo* ('muito favorável ao comunismo')[14].

Além de restrições semânticas, há também restrições morfológicas à sobreprefixação, para as quais apresenta um papel central a *condição de adjacência* (SIEGEL, 1977), formulada pela sobredita autora nos seguintes termos: "Nenhuma RFP pode afetar a X e Y, sendo X um afixo, se Y está contido no ciclo adjacente a X." (MARTÍN GARCÍA, 1996, p. 195; trad. nossa). Exemplifica a aplicação dessa condição com os exemplos **recoeducar*, **reinterpor*, **redespenalizar* e **redespersonalizar* (agramaticais por terem prefixos situados em níveis adjacentes), ao lado de *reinternacionalizar*, *reimortalizar* e *reconatural* (possíveis por figurarem em ciclos não adjacentes). Para Martín Garcia (1996), é essa condição que explica o fato de algumas combinações de 2 prefixos adverbiais ou de 2 prefixos preposicionais escaparem à regra de impossibilidade de adjunção e se materializarem na língua — quando em geral isso não é possível, como em **reposposição* (*re-* e *pos-* são prefixos adverbiais) e **contrantepor* (*contra-* e *ante-* são prefixos preposicionais) —; isso só acontece quando não se encontram no mesmo ciclo de adjacência.

Ainda sobre restrições que podem travar a superposição de prefixos, Depuydt (2009), baseando-se em Felíu Arquiola (2003) — que, por sua vez, se apoia em Di Sciullo (1997) —, assinala a pertinência de um critério semântico-distribucional (prefixos léxicos ou externos X prefixos funcionais ou internos[15]) em lugar de um critério categorial (prefixos preposicionais X prefixos adverbiais), com restrições que se fundam, essencialmente, na impossibilidade de um prefixo interno sobrepor-se a um externo (**adesconselhar*) ou de dois internos se adjungirem (**sobreentristecer*), ao lado de uma liberdade para a sobreposição de prefixos externos (*megadesrespeitoso*) ou para a superposição de um externo a um interno (*desaconselhar*).

Pelas publicações que consultamos, pareceu-nos que a literatura morfológica hispânica tem dado mais atenção ao tema da superposição prefixal que a literatura morfológica portuguesa. Não obstante, concordamos com Martín García (1998b), quando afirma que, pese a sua importância e complexidade, a combinação de prefixos é ainda um dos temas pendentes de estudo no âmbito da morfologia lexical em espanhol.

Em algumas publicações sobre neologia ou processos atuais de formação de palavras, há a curiosa menção do redobro prefixal, que é um subtipo de combinação de afixos, embora não seja apontada

[14] Em nosso entendimento, tais derivados resultam ambíguos, licenciando cada um deles uma dupla interpretação, pois, p. ex., *anti-anti-comunismo*, ao mesmo tempo em que pode ser entendido como 'que é muito contrário ao comunismo', pode ser interpretado como 'que é contra ao anti-comunismo'.

[15] Os externos, como *pre-*, *re-* e *des-*, são os que não afetam o aspecto léxico nem a valência do produto; os internos, por sua vez, atuam de modo totalmente inverso, como *ad-*, *en-* e *sobre-* (DEPUYDT, 2009).

como tal. Medeiros (2012) e Pereira (1984) mencionam, respectivamente, as formas *rerreconstrução* e *rerrefinar*, mostrando ser possível a combinatória *re-* + *re-*[16] em português. Stehlík (2012) assinala essa possibilidade também para o prefixo *anti-* em espanhol, como, e.g., em *anti-anti-mísiles*. Há também outros exemplos para o espanhol em Martín García (1998a), que foram mencionados anteriormente. Já para o inglês, Lehrer (1995) arrola um número considerável de vocábulos existentes ou possíveis, com prefixos duplicados: *ante-antebellum*, *anti-anti-government*, *counter-counterdemonstration*, *extra-extracurricular*, *hyperhypercritical*, *hypohypoactive*, *metametalanguage*, *micromicrocomputer, post-postnatal*, *pro-pro-education*, *pseudo-pseudo-intellectual*, *subsubnormal*, *supersuperset*, *ultra-ultrareligious*. Nas formações arroladas no dicionário de latim que consultamos, o da Porto Editora (2001), só detectamos um caso de redobro prefixal: *adaggerāre* (*ad-* + *ad-*).

Do estudo de Núñez Cabezas (2000) sobre o léxico do âmbito político espanhol, encontramos *extrapresupuestario*, *reasignación*, *reasignar*, dentre outros vocábulos, como exemplos de sobreprefixação neológica nessa língua (ainda que não sejam apontados como tais no estudo, o que se justifica, pois não incide especificamente sobre a prefixação, mas sim, sobre o léxico político como um todo), o que nos leva a pensar que tanto no léxico comum quanto no léxico especializado o fenômeno se mantém vivo, quiçá de modo mais ativo que nas suas sincronias mediévicas.

Para a língua inglesa, ao contrário do espanhol e do português, deparamo-nos com estudos específicos sobre a combinação de unidades afixais, não apenas os da margem esquerda, mas também, surpreendentemente, os que se adjungem às bases pela margem direita, ou seja, os sufixos[17], para os quais uma abordagem no português (arcaico ou moderno) é ainda mais difícil de se encontrar, sendo, possivelmente, um tema com algum ineditismo. Especificamente para a combinação de elementos prefixais em inglês, identificamos os artigos de Lehrer (1995), Torre Alonso (2011) e Zirkel (2010), mas, infelizmente, só conseguimos ter acesso integral aos dois primeiros[18].

Lehrer (1995) pontua que os prefixos, além de serem passíveis de redobro (como já exemplificado acima), podem ser combinados, embora não arbitrariamente, já que há travamentos de ordem semântica. Aponta, como alguns dos esquemas combinatórios possíveis, *anti-* + *pro-* (*anti-pro-government*), *pro-* + *anti-* (*pro-anti-government*), *anti-* + *counter-* (*anti-counter-espionage*), *pseudo-* + *anti-* (*pseudo-anti-intellectual*), *anti-* + *pseudo-* (*anti-pseudo-intellectual*), *ex-* + *vice-* (*ex-vice-president*), *ex-* + *pseudo-* + *anti-* (*ex-pseudo-anti-intellectual*), *mini-* + *meta-* (*mini-metalanguage*), *pseudo-* + *meta-* (*pseudo-metarule*), *super-* + *sub-* (*supersubintelligent*). Para esses esquemas que elenca, é de parecer que seus constituintes prefixais podem aparecer tanto em primeira quanto em segunda posição, sendo que

[16] Que se registra também no espanhol, como, p.ex., em *rerebonito*, *rereguapa*.

[17] Por exemplo, os estudos de Siegel (1974), Hay (2002), Aronoff e Fuhrhop (2002), Hay e Plag (2004) e Plag e Baayen (2009). Há também um estudo específico sobre o fenômeno em questão para o búlgaro, da pena de Manova (2010).

[18] Ao de Zirkel (2010) só tivemos acesso ao resumo e introdução.

a interpretação semântica dos produtos lexicais é dada a partir de uma leitura correspondente à ordem em que tais prefixos ocorram (*anti-pro-governo*: 'que é contra a posição ideológica favorável ao governo'; *pro-anti-governo*: 'que é favorável ao posicionamento ideológico de oposição ao governo'). Uma observação igualmente interessante de Lehrer (1995) é que a combinação de alguns prefixos pode gerar produtos de interpretação ambígua: ao mesmo tempo em que *supersubintelligent* pode ser compreendido como alguém 'que é superior a quem está abaixo da inteligência', pode também ser compreendido como 'que se encontra muito abaixo de um inteligente'.

O entendimento de Zirkel (2010) coaduna-se em linhas gerais ao de Lehrer (1995), pois é de acordo quanto à possibilidade geral (mas não absoluta) de dupla adjunção prefixal em inglês, com algumas restrições — estruturais e processuais, formais e semânticas —. Em seu estudo, aborda 15 prefixos distintos, em 225 combinações virtualmente possíveis para o inglês, observando quais destas são licenciadas e/ou efetivamente registradas e quais são impedidas nesta língua. Conclui que a hipótese formulada por Hay (2003) para as combinações sufixais, conhecida como *Complexity Based Ordering*[19], pode, *grosso modo*, ser aplicada à concatenação prefixal, cuja realização depende de fatores tanto estruturais quanto processuais, associada também à produtividade dos formantes e dos esquemas combinatórios.

Finalmente, o artigo de Torre Alonso (2011) traz diversos apontamentos relevantes sobre as propriedades da combinação de afixos processada no inglês antigo (com os formantes latinos e germânicos que são mais recorrentes nessas operações) e as restrições que a atingem, assinalando que há bloqueios independentes e específicos às combinações de natureza prefixal e sufixal nessa fase primitiva da língua. Esse estudo deixa entrever que a superposição prefixal nada mais é que uma concatenação entre *final prefixation* + *pre-final prefixation*; além disso, parece considerar que combinatórias mais frequentes envolvem a adjunção de um prefixo de carga semântica [+adverbial] — portanto, mais transparente — a outro que já mostra algum desbotamento semântico e/ou baixa produtividade, fatores que fomentariam a superposição prefixal, portanto.

Diferentemente das abordagens do fenômeno para o espanhol e para o inglês, para os quais foi possível encontrar publicações que o analisam de forma um pouco mais detalhada, para o português os materiais bibliográficos consultados quase nunca trazem uma consideração pormenorizada sobre esse fenômeno. Henriques (2007) e Bomfim (2002), por exemplo, apenas pincelam a existência dessa operação, sem expor maiores comentários sobre ela. Nem mesmo em estudos debruçados sobre a

[19] Que considera, em linhas gerais, a relevância de fatores processuais ao licenciamento ou travamento das combinações, sendo [+processáveis] aquelas possíveis formações cuja complexidade morfológica aumenta do sufixo mais interno para o mais externo, o que se liga a uma escala de decomposição desses formantes: aquele que é [+decomponível] pode se unir a um formante [-decomponível]; o inverso, por sua vez, não tem facilidade de ocorrer (ZIRKEL, 2011).

prefixação neológica ou no léxico da publicidade e da propaganda (como os realizados por ALBUQUERQUE, 2010a, 2010b; PEREIRA, 1984; ALVES, 1980, 2000), âmbito em que costuma ser producente a superposição prefixal — pois é recorrente encontrar a superposição de prefixos intensificadores (*super-*, *mega-*, *ultra-*, *extra-*), como nos vocábulos complexos *super-ultra-mega Liga da Justiça*, *aviso super-mega-ultra-importante* —, há reflexões sobre esse tipo de formação, embora diversos exemplos sejam mencionados: em Albuquerque (2010a), *antiembaçante*, *antideslizante*, *antiressecamento*, *anti-envelhecimento*, *antiimperfeições*, *desembaçador*, *desintoxicação*, *desamassa*, *superrefrescante*; em Albuquerque (2010b), *extraconforto, ultrarefrescante* etc.; em Alves (1980), *reagrupamento* e *super-hipermercados*[20]; em Alves (2000), *semidesnatado*, *superbemtransado*, *antiimigrantes* etc.; em Pereira (1984), *desimportar* e *rerrefinarmos*.

Na literatura especializada em português sobre os prefixos, em que geralmente não há maiores detalhamentos sobre os processos de sobreposição desses elementos, excetua-se o estudo de Schwindt (2000), que contempla sistematicamente as pautas de combinação e suas restrições. Conforme indica (2000), a sobreposição de prefixos caracteriza o português brasileiro, realizando-se como uma operação bifásica, primeiramente com a integração à base do prefixo que é mais interno e, em seguida, o acoplamento a esse vocábulo já prefixado de um segundo prefixo, mais externo, criando um terceiro vocábulo, duplamente prefixado, como em *redescobrir* e *desencabeçar*.

Como Schwindt (2000), em sua abordagem sobre a prefixação, apoia-se em critérios prosódicos, adota a diferenciação entre prefixos composicionais (PC)[21] e prefixos legítimos (PL)[22], sendo os primeiros atuantes como vocábulos fonológicos independentes[23], enquanto os últimos emergem como sílabas átonas acopladas à esquerda de uma base[24]. Para ele, os PC's só figuram em posição 2 (a mais distante da base) em relação aos PL's de classe I (que são *a-*, *ad-*, *aN-*, *coN-*, *deS-*$_{priv}$, *diS-*, *eN-*, *iN-*$_{dentro}$, *eS-*$_{fora}$, *re-* e *tranS-*), como em *pré-encadernado* (sendo agramatical a sobreprefixação inversa, **emprecadernado*); no entanto, podem ocupar a posição 1 (a mais próxima à base) caso sejam sobrepostos por algum outro PC (como em *recém-vice-presidente*) ou por um PL de classe II (que são *iN-*$_{neg}$, *deS-*$_{neg}$ e *sub-*), como em *impremeditado*. Quanto aos PL's, os de classe I podem ser sobrepostos por eles próprios (*desempoeirar*) ou por um de classe II (*irreconhecível*); já os de classe II só licenciam a

[20] Alves (1980), ainda que não discorra sobre o fenômeno da superposição prefixal, chama a atenção quanto ao emprego concomitante de *super-* e *hiper-* nesse vocábulo.

[21] Segundo o autor (2000), são: *auto-*, *ante-*, *contra-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *macro-*, *micro-*, *mono-*, *neo-*, *pseudo-*, *recéN-*, *semi-*, *ultra-*, *vice-*, *beN-*, *bi-*, *eS-*$_{ant}$, *não-*, *paN-*, *póS-*, *pré-*, *pró-*, *tri-*.

[22] Segundo o autor (2000), são: *a-*, *ad-*, *aN-*, *coN-*, *eN-*, *deS-*, *diS-*, *eS-*$_{fora}$, *iN-*$_{dentro}$, *iN-*$_{neg}$, *re-*, *sub-*, *tranS-*.

[23] Podendo receber acento e manifestar-se como formas livres (SCHWINDT, 2000).

[24] Como atuam semelhantemente a um clítico, não podem receber acento nem se manifestar como formas livres (SCHWINDT, 2000).

superposição por eles mesmos (*subdesenvolvido*, *insubordinação*), não tolerando a superposição por PL's de classe I (**reimpossibilitar*, **consubdividido*)[25].

Após essa revisão de literatura, subsidiada por alguns estudos que abordam a combinação de prefixos em algumas línguas, trazemos na seção seguinte a descrição e a análise das prefixações superpostas extraídas de um conjunto de textos do galego-português, tanto da primeira sincronia (séculos XIII e XIV), quanto da segunda (séculos XV e XVI).

2. Análise do fenômeno no *corpus* medieval explorado

Em virtude de as combinações prefixais depreendidas do *corpus* textual abordado circunscreverem-se a duas sincronias do galego-português, o plano inicial de sua análise seria incidir em cada uma delas separadamente, pois poderia haver alguma diferenciação no comportamento do fenômeno entre uma e outra fase. No entanto, ao compararmos os fatos de língua coletados, observamos uma confluência quase total em seu funcionamento nas duas sincronias, de tal forma que nos pareceu mais adequado descrever e analisar os casos de sobreprefixação em bloco, para todo o período arcaico. Ao que parece, portanto, o fenômeno da combinação de prefixos não tem preponderância na diferenciação entre as duas sincronias arcaicas do galego-português.

As diferenças observadas restringiram-se a um conjunto de formações que, de acordo com os dados perscrutados e com os aportes etimológicos consultados (CUNHA, 2010), só ocorre na língua a partir da 2ª fase do GP, embora quase todas essas derivações sejam produtos lexicais forjados já no latim: (i) *ad-* + *per-*, em *apregũte* (TC); (ii) *com-* + *re-*, em *comrresponda* (VDT); (iii) *des-* + *ad-* + *com-*, em *desacustumadas* ~ *desacostumadas* (CATEC; CDJI); (iv) *in-*$_2$ + *com-*, em *incomparauel* (VST); (v) *in-*$_2$ + *per-*, em *imperfectamẽte* (CATEC); (vi) *in-*$_2$ + *sub-*, em *insufficiente* (VST)[26].

[25] A perspectiva de Schwindt (2000) para o estabelecimento de classes prefixais parece coadunar-se à perspectiva exposta em Martín García (1996). Como, entre as consultadas, são as investigações mais pormenorizadas sobre o tema da combinação prefixal, uma proposta revisada sobre o fenômeno poderia emergir de uma síntese coordenada desses estudos, confrontados, talvez, com outros que os precederam, como o de Siegel (1974).

[26] O que também nos levou a considerar em bloco os dados das duas sincronias do GP foi a observação de que, embora houvéssemos detectado essas seis derivações sobreprefixadas exclusivas à 2ª sincronia, somente três dos seis esquemas morfolexicais que as estruturam são de funcionamento a partir do século XV: *com-* + *re-* (*corresponder* – séc. XV), *in-*$_2$ + *per-* (*imperfeição* – séc. XV, *impertinente* – séc. XVI) e *in-*$_2$ + *sub-* (*insuficiência* – séc. XV, *insuficiente* – séc. XV, *insucesso* – séc. XVI). Os demais já se encontram ativados no vernáculo desde o séc. XIII ou XIV: *ad-* + *per-* (*aperceber* – séc. XIII, *aperfiar* – séc. XIII), *des-* + *ad-* + *com-*(*desaconselhado* – séc. XIV, *desaconselhar* – séc. XIV) e *in-*$_2$ + *com-* (*incorruptível* – séc. XIV).

Arrolamos a seguir as 56 ocorrências de sobreprefixação detectadas no *corpus* do GP[27], agrupadas conforme a combinatória dos prefixos:

(109) *ad-* + *com-*: *acolher* (CRB; HRP), *acompanhar* (PMP; CDJI; LEBC), *acontecer* (VSMA; CGE; PMP; CDJI; LEBC; HRP; CP; VST), *acostumar* (CDA3; CDA4; TC; LEBC; CCDPM; TNC16; LTV; LUOC; CATEC; CDJI)[28];

(110) *ad-* + *dis-*: *aderençar* (LC; LTV);

(111) *ad-* + *per-*: *apregũtar* (TC);

(112) *ad-* + *pre-*: *apregõar* (CDA4; DCS14; HRP), *apresemtar* (CCDPM);

(113) *ad-* + *pro-*: *a proveer* (TP), *aproueitar* (LM; VSMA; OE; CDA4; PP; CPVC; VST; LEBC; LC; LTV; CP);

(114) *ad-* + *re-*: *arrepeender* (CSM; VSMA; PMP; VDP), *arrecear* (VST), *arrenegar* (TC)[29];

(115) *ad-* + *trans-*: *atravessar* (LM; CGE; DSG);

(116) *bem-* + *ambi-*: *bem-andante* (NLL14);

(117) *bem-* + *ad-*: *bem aventurado* (VSMA; CSM; OE; VST; LTV; HRP; CATEC);

(118) *com-* + *re-*: *comrresponder* (VDT);

(119) *de-* + *per-*: *despereçer* (TNH14);

(120) *des-* + *ad-*: *desaguissado* (DSG), *desaviinr* (FR; CGE; DSG; PMP; LEBC; HRP)[30];

(121) *des-* + *com-*: *desconfortado* (DSG), *desconto* (TNH16), *disconuersauel* (VST);

(122) *des-* + *ad-* + *com-*: *desacompanhado* (CDJI), *desacustumadas* (CATEC; CDJI)[31];

[27] Visando a uma maior uniformização e sistematicidade, quando determinado vocábulo ocorre sob diversas variantes/flexões no *corpus* textual perscrutado, registramo-lo (nesta listagem e nas laudas subsequentes) pelo infinitivo, para os verbos, e pelo masculino singular para os nomes. Quando, porém, ocorre apenas uma vez, registramo-lo tal como aparece no *corpus*.

[28] Outras formações detectadas por Lopes (2013): *acomendar*, *desaconselhado(a)*, *acorreger*.

[29] Outra formação detectada por Lopes (2013): *arreferir*.

[30] Outras formações detectadas por Lopes (2013): *desacordar*, *desarraygados*, *desaventurado*.

[31] Outras formações detectadas por Lopes (2013): *desaconselhado(a)*.

(123) *des-* + *ante-*: *desenparar* (VSMA; CA13; CA14; LC; LEBC);

(124) *des-* + *en-*: *desenbargar* (DSG; CDA3; LM; TNH15; TNC16; TNH16; LEBC; CDJI; CDPI), *desenfadar* (LC; HRP), *desempatar* (CDPI), *desengenhoso* (VST), *desenvolta* (CATEC);

(125) *des-* + *ob-*: *desobediente* (DSG);

(126) *dis-* + *com-*: *descubrir* (VSMA; DCS14; AT; FR; CATEC; PMP; VDP; CDJI);

(127) *en-* + *ad-*: *enhadir* (CDJI; PMP);

(128) *en-* + *com-*: *encobrir* (CDJI; PMP; LC), *encolhidos* (SACR), *ẽcomẽdar* (SACR);

(129) *en-* + *pre-*: *enprestar* (TNC13; FR; CEM13; PP; TC);

(130) *es-* + *com-*: *escolher* (VSMA; CA14; FG13; LM; OE; CRB; PMP; SACR; CATEC), *escomũgado* (TP; FR; PP; PMP; VST; TNC15; TC), *esconiuraçõis* (VST);

(131) *in-*$_2$ + *com-*: *incomparauel* (VST);

(132) *in-*$_2$ + *per-*: *imperfectamẽte* (CATEC);

(133) *in-*$_2$ + *sub-*: *insufficiente* (VST);

(134) *mal-* + *ad-*: *mal aventurado* (PMP);

(135) *mal-* + *com-*: *mal cõtente* (HRP);

(136) *mal-* + *ambi-*: *malandança* (CSM; NLL14);

(137) *re-* + *com-*: *recontar* (TNAT14; VSMA; OE; PMP; VST; CDJI; CCDPM), *recognocimẽto* (TNC13), *recolher* (CRB), *rrecompemsamemto* (CCDPM), *recupilarei* (VST), *reconciliar* (VST; PMP);

(138) *re-* + *pre-*: *representar* (LM; CDPI; LTV);

(139) *re-* + *sub-*: *resurgir* (CSM; OE; VSMA; CGE; VDT), *ressuzitar* (CSM; DSG; VST).

Como é possível observar pelos dados acima reproduzidos, os 56 casos de sobreprefixação detectados[32], correspondendo ao mesmo número de bases lexicais diferentes implicadas no processo morfolexical, são ativados através de 31 modos distintos de combinação entre os formantes prefixais. Ocupam a segunda posição os formantes *ad-*, *bem-*, *com-*, *de-*, *des-*, *dis-*, *en-*, *es-*, *in-*$_2$ (negativo), *mal-* e *re-*, enquanto na primeira figuram os elementos prefixais *ad-*, *ambi-*, *ante-*, *com-*, *dis-*, *en-*, *ob-*, *per-*, *pre-*, *pro-*, *re-*, *sub-* e *trans-*. A tabela que segue esquematiza as combinatórias possíveis e as respectivas posições dos formantes que nelas atuam:

Quadro 1 – Combinatórias prefixais no galego-português.

COMBINATÓRIAS PREFIXAIS	
1ª e 2ª sincronias (sécs. XIII a XVI)	
2ª posição	**1ª posição**
AD-	*com-* *dis-* *per-* *pre-* *pro-* *re-* *trans-*
BEM-	*ad-* *ambi-*
COM-	*re-*
DE-	*per-*
DES-	*ad-* *com-* *ante-* *en-* *ob-*
DIS-	*com-*
EN-	*ad-* *com-* *pre-*
ES-	*com-*
IN-$_2$	*com-* *per-* *sub-*
MAL-	*ad-* *ambi-* *com-*

[32] Em um total de 185 ocorrências.

RE-	*com-* *pre-* *sub-*

Fonte: Elaboração própria.

Do conjunto de combinações prefixais detectadas, percebemos que os elementos com maior capacidade geradora dessa operação são os prefixos *ad-* e *des-*, o primeiro superpondo-se a sete prefixos diferentes (*com-*, *dis-*, *per-*, *pre-*, *pro-*, *re-* e *trans-*)[33] e o último, a cinco (*ad-*, *com-*, *ante-*, *en-*, *ob-*)[34]. Para a totalidade do GP, tal como indica Lopes (2013) ao incidir sobre a 1ª sincronia do vernáculo, o item prefixal *ad-* nas sobreprefixações quase sempre se comporta como um expletivo, seja por ser assemântico *per se*, seja por figurar em operações parassintéticas, em que, na maior parte dos casos, o prefixo se dessemantiza ou possui uma carga semântica desbotada ou difícil de precisar. Quando não se comporta como expletivo, o prefixo em questão apresenta sentido opaco. Os demais formantes que figuram em segunda posição na superposição prefixal geralmente veiculam algum matiz semântico, o mesmo não ocorrendo com os que figuram em primeira posição, cujo conteúdo geralmente é opaco.

É possível afirmar que a dupla prefixação processada estritamente no GP (excluindo-se, portanto, as formas sobreprefixadas herdadas do latim) dá-se majoritariamente com os formantes *ad-* e *des-*, graças, sobretudo, a peculiaridades semânticas desses prefixos. O primeiro, por poder atuar como expletivo e ser parassinteticogênico; o segundo, por atualizar sentidos de 'excesso', 'privação', 'negação' ou 'reversão', o que facilmente explica a sua vitalidade, já que muitos verbos prefixados podem figurar em novas derivações sendo modificados por esses sentidos.

Há dois casos de tripla prefixação no *corpus* (cf. item (122) acima), nos vocábulos *desacompanhado* e *desacustumadas*, em que se dá uma superposição prefixal duplicada, assim digamos. Essa operação triádica é rara no GP (e também no português moderno), só ocorrendo nesses dois produtos derivacionais e em um terceiro (*desaconselhado* ~ *desaconsellada*), apontado no estudo de Lopes (2013). Vemos, assim, que o esquema de tripla prefixação parece restringir-se no GP à combinatória *des-* + *ad-* + *com*, o que é corroborado ao observarmos os verbos prefixados arrolados no *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (DVPM)[35].

[33] Lopes (2013) anota a existência de uma oitava combinação encabeçada pelo prefixo *ad-*: *ad-* + *sub-*.

[34] Lopes (2013) aponta ainda uma sexta combinação: *des-* + *in-*$_2$ (negativo).

[35] <http://cipm.fcsh.unl.pt/verbos/indiceverbos.jsp>. Nesse dicionário não foi detectado nenhum outro esquema morfolexical de tripla prefixação. Não registra também nenhum outro vocábulo formado pela combinação *des-* + *ad-* + *com-* além dos já mencionados nestas páginas.

Ao refletirmos sobre uma classificação para a combinatória de prefixos no GP, consideramos ser possível propor três tipologias: (i) quanto ao critério etimológico; (ii) quanto ao critério semântico; (iii) quanto ao critério formal. Discorramos sobre cada um deles.

Quanto ao critério etimológico, as sobreprefixações podem originar-se: (a) de uma dupla adjunção prefixal já no latim (clássico, vulgar ou medieval), herdada pelo galego-português (LAT + LAT), que é a que se dá nos vocábulos *acolher*, *acompanhar*, *aderençar*, *apresentar*, *atravessar*, *despereçer*, *descubrir*, *enhadir*, *escolher*, *escomũgado*, *imperfectamẽte*, *incomparauel*, *insufficiente*, *recolher*, *rrecompemsamemto*, *reconciliar*, *recognocimẽto*, *representar*, *resurgir*, *ressuzitar*; (b) da adjunção de um prefixo no GP sobre um vocábulo prefixado já no latim (GP + LAT), em *acontecer*, *acostumar*, *apreguntar*, *apregoar*, *a proveer*, *aproveitar*, *arrecear*, *arrenegar*, *arrepeender*, *bem-andante*, *bem aventurado*, *comrresponder*, *desacompanhado*, *desenparar*, *desaviinr*, *desconfortado*, *desconto*, *disconuersauel*, *desenbargar*, *desengenhoso*, *desenvolta*, *desobediente*, *encobrir*, *encolhidos*, *ẽcomẽdar*, *enprestar*, *esconiuraçõis*, *malandança*, *mal aventurado*, *mal cõtente*, *recupilarei*, *recontar*; (c) da adjunção de um prefixo no GP a um vocábulo cuja primeira prefixação se deu em outra língua neolatina (GP + IM[36]), tipologia que conta com apenas um representante, a forma *desempatar*; e, por fim, (d) de uma dupla adjunção processada exclusivamente no galego-português (GP + GP), representadas pelos produtos lexicais *desaguissado*, *desacustumadas*, *desenfadar*.

Com base no que indica o parágrafo imediatamente anterior, podemos inferir que a dupla prefixação operada estritamente no vernáculo (com ambas as adjunções prefixais ocorrendo no período arcaico) era muito rara, com apenas 4 casos dentro de um universo de 56, o que representa um percentual de 7%, ínfimo, portanto. A maioria das ocorrências se enquadra na classe de adjunção GP + LAT (20 casos; 57%) e a segunda posição fica para as adjunções duplamente ocorridas na matriz latina (20 casos; 36%).

Por sua vez, quanto ao critério semântico, as superposições prefixais podem ser de quatro tipos: (i) prefixo semanticamente relevante (PSR) + prefixo semanticamente relevante (PSR)[37], em *desconfortado*, *disconuersauel*; (ii) prefixo semanticamente relevante (PSR) + prefixo semanticamente irrelevante (PSI), em *descubrir*, *escomũgado*, *imperfectamẽte*, *incomparauel*, *insufficiente*, *recolher*, *rrecompemsamemto*, *reconciliar*, *recognocimẽto*, *resurgir*, *ressuzitar*, *bem-andante*, *bem aventurado*,

[36] Trata-se do italiano medieval.

[37] Entendemos como prefixo semanticamente relevante aquele do qual se pode depreender na formação morfolexical em que atua algum conteúdo, mais ou menos transparente ou composicional. São os formantes inexpletivos. Já os semanticamente irrelevantes seriam aqueles formantes cuja carga semântica não é depreensível, ou porque são opacos (em geral, constituintes de formas lexicais herdadas do latim e, portanto, cuja formação se deu nessa matriz genolexical) ou porque são expletivos (em geral, formas atuantes em flutuações prefixais ou em formações parassintéticas *lato* ou *stricto sensu*). Para mais explicações sobre esses tipos de formantes, cf. os estudos de Borba (2003) e Lopes (2013, 2016, 2018).

comrresponder, *desacompanhado*, *desenparar*, *desaviinr*, *desconto*, *desenbargar*, *desengenhoso*, *desenvolta*, *desobediente*, malandança, *mal aventurado*, *mal cõtente*, *recupilarei*, *recontar*, *desempatar*, *desaguissado*, *desacustumadas*, *desenfadar*; (iii) prefixo semanticamente irrelevante (PSI) + prefixo semanticamente irrelevante (PSI), em *acolher*, *aderençar*, *apresentar*, *despereçer*, *enhadir*, *escolher*, *representar*, *acontecer*, *acostumar*, *apreguntar*, *apregoar*, *aproveitar*, *arrecear*, *arrenegar*[38], *encobrir*, *encolhidos*, *ẽcomẽdar*, *enprestar*, *esconiuraçõis*; (iv) prefixo semanticamente irrelevante (PSI) + prefixo semanticamente relevante (PSI), em *acompanhar*, *atravessar*, *a proveer*, *arrepender*.

É notável, pelo que foi exposto anteriormente, a raridade das sobreprefixações cujos prefixos denotam simultaneamente alguma carga semântica depreensível (2 casos, em um total de 56, ou seja, 3,5%). Também são poucos os casos de combinação prefixal em que há a adjunção de um PSI a uma forma em que já figura um PSR (4 em um universo de 56, ou seja, 7% do total). O grosso dos casos se enquadra ou no tipo de acoplamento PSR + PSI (31 casos, 55%) ou no tipo PSI + PSI (21 casos, 38%). O baixo índice de formações duplamente prefixadas cujos elementos da margem esquerda vocabular possuem carga semântica patente parece ligar-se aos fenômenos de opacidade semântica (em muitos derivados herdados do latim o(s) prefixo(s) já não se mostra(m) composicionalmente analisável(is), já no GP) e de expletividade (é pujante a flutuação entre corradicais sinonímicos com e sem prefixo no período medieval).

Por fim, quanto ao critério formal, é possível admitir a existência de quatro classes de combinações, pautadas na natureza preposicional ou adverbial dos prefixos[39], das quais três se registram nos dados analisados: (i) prefixo preposicional (PPrep) + prefixo preposicional (PPrep), que se dá nas combinatórias *ad-* + *com-* / *dis-* / *per-* / *pre-* / *pro-* / *trans-*, *es-* + *com-*, *de-* + *per-*, *des-* + *ad-* / *com-* / *ante-* / *en-* / *ob-*, *dis-* + *com-*, *en-* + *ad-* / *com-* / *pre-*; (ii) prefixo preposicional (PPrep) + prefixo adverbial (PAdv), nas combinatórias *ad-* + *re-*, *com-* + *re-*[40]; (iii) prefixo adverbial (PAdv) + prefixo preposicional (PPrep), nas combinatórias *bem-* + *ad-*/*ambi-*, *in-*$_2$ + *com-* / *per-* / *sub-*, *mal-* + *ad-* / *ambi-* / *com-*, *re-* + *com-* / *pre-* / *sub-*[41].

Se buscamos rastrear alguma restrição formal/categorial atinente à combinação de prefixos nos dados medievais que analisamos, parece ser a incidente sobre aquela do tipo PAdv + PAdv, já que não conta com nenhum representante, nem mesmo no DVPM.

[38] Caso para o qual há ainda dúvida. O *re-* seria ou não semanticamente relevante nesse derivado?

[39] O que claramente se liga à origem de tais partículas, à sua função antes, durante e após o seu curso de gramaticalização já no latim ou no vernáculo. É, ao fundo, um critério também pautado na etimologia.

[40] Em superposições prefixais estritamente vernáculas, tal como apontam Varela e Martín García (1999) para o espanhol, esse tipo de combinação prefixal não parece ser possível. Mas, como vemos, há uns poucos casos dessa natureza herdados do latim.

[41] A quarta possibilidade de combinatória quanto ao critério formal — prefixo adverbial (PAdv) + prefixo adverbial (PAdv) — não se mostrou atuante nos dados sob análise.

Dos 31 elementos afixais da margem esquerda do vocábulo registrados no estudo doutoral de Lopes (2018), incidente sobre o paradigma prefixal do GP, apenas 19, reproduzidos no Quadro 1, prestaram-se a combinações prefixais. Em um universo de aproximadamente 4 mil ocorrências de vocábulos prefixados, apenas 185 foram constituídas via sobreprefixação, 4,6% do total de formações.

Respondendo ao questionamento lançado por Lopes (2013), quando se perguntava se o percentual de 5% de sobreprefixações no total de ocorrências que analisou lhe permitiria afirmar que o fenômeno possuía baixa produtividade no português medieval, podemos dizer que sim, já que uma proporção semelhante se registra na segunda sincronia, levando-se a pensar que a combinação de prefixos não era prolífica em tal período da língua, embora desde então já se mostrasse ativa na emergência de novos itens lexicais.

Um estudo de caráter estritamente a-histórico ou fortemente sincronicista, que, *ipso facto*, provavelmente descartaria os casos de sobreprefixação constituídos por formas prefixadas herdadas (cujos prefixos seriam considerados parte do radical) ou por elementos prefixais de carga semântica opaca ou inexistente (que seriam consideradas, respectivamente, como parte do radical e como próteses fonológicas), encontraria sérias dificuldades ao tratar do fenômeno no período arcaico, pois se depararia com apenas 3 casos para a primeira categoria (*desaguissado*, *desacustumadas*, *desenfadar*) e 2 casos para a segunda (*desconfortado*, *disconuersauel*) e, como essas 5 ocorrências não se enquadram concomitantemente aos dois crivos (emergência vernácula e inexpletividade), seria forçoso admitir que a combinação de prefixos não se manifestava no GP, sendo exclusiva a estágios posteriores da língua, o que não parece ser de modo algum verossímil.

Se Torre Alonso (2011) chega a incluir nos casos de dupla prefixação para o inglês antigo aqueles vocábulos em cuja estrutura figurava no momento da formação o prefixo1 mas já não mais figurava na sincronia medieval, como em *ofertrūhwa* ('over-confidence'), constituído a partir de *(ge)trūhwa* ('fidelity'), em que não restou explícito o elemento prefixal de primeira posição *ge-*, podemos ponderar que não haveria também razões incontornáveis que impedissem uma interpretação das concatenações possuidoras de um PSI ou adscritas a esquemas LAT + LAT ou PA + LAT como verdadeiras sobreprefixações, pese o seu caráter [-vernacular] e [- semanticamente transparente].

Considerações finais

De uma descrição *en passant* das superposições prefixais latinas, que, como percebemos, não são nem esporádicas nem marginais nessa língua, verificamos a existência de mais de uma centena de combinatórias possíveis, envolvendo 27 unidades prefixais distintas, em mais de 800 vocábulos. Nestes, em geral, os dois prefixos concatenados possuem uma carga semântica depreensível e os que possuem

maior capacidade geradora (pela conjunção dos critérios quantitativos de atuação em vocábulos e em diferentes combinatórias) são: *in-*$_2$ (negativo), *per-*, *re-*, *cum-*, *ex-* e *sub-*. Pelo critério de ausência de manifestações na obra lexicográfica consultada para o latim[42], poderíamos pensar que havia nessa língua a restrição de superposição de um prefixo2 a vocábulos já prefixados com *ante-* e *super-*, bem como a impossibilidade de *amb(i)-*, *ob-*, *pre-*, *contra-*, *inter-*, *bene-*, *pos(t)-*, *male-* e *por-* se sobreporem a vozes já prefixadas.

Para o GP, foram meia centena os casos de sobreprefixação detectados no *corpus*, em 185 vocábulos, construídos através de 31 moldes combinatórios distintos, em sua maioria processados totalmente no latim (LAT + LAT) ou sobre formas inicialmente prefixadas nessa língua, com a adjunção de um prefixo2 no português (GP + LAT), de modo que as operações totalmente vernáculas (GP + GP) são minoritárias, englobando menos de 10% das construções registradas. Também são raras as sobreprefixações cujos formantes denotam concomitantemente alguma carga semântica depreensível (2 casos, i.e., 3,5%), o que se parece ligar ao baixo índice de formações estritamente vernaculares.

Uma observação geral sobre o comportamento da combinação de prefixos no percurso diacrônico do latim ao português contemporâneo aponta, a nosso ver, para três etapas distintas: (i) a gênese e proliferação desse tipo de operação morfolexical no latim, graças à atuação de prefixos que aportam traços de 'negação', 'perfectividade', 'intensificação' e 'gradação' aos significados de vocábulos já prefixados; (ii) a sua permanência no GP, mas através de sobreprefixações herdadas ou de parcialmente processadas no medievo, sendo escassas as completamente vernáculas, nas quais figuram, em segunda posição, os formantes *des-* e *ad-*; (iii) uma revitalização e ampliação do fenômeno no período contemporâneo, com a permanência de moldes combinatórios de sincronias anteriores e o seu incremento com novos esquemas de combinação, gerando prolificamente novos vocábulos duplamente prefixados, graças, principalmente, à vitalidade de partículas intensificadoras (*super-*, *hiper-*, *mega-*, *ultra-* etc.) e as de teor negativo (*ex-*, *des-* e *não-*).

Os comentários expostos ao longo dessas páginas, provisórios, parciais e aproximativos como qualquer estudo sobre o passado recuado da língua, intencionaram propiciar aportes ao entendimento da combinação prefixal, cuja atuação no português tem sido abordada tangencialmente, em poucas publicações, mostrando ser, ao que parece, um tema até então não explorado para as sincronias medievais dessa língua. Um estudo mais atilado sobre a questão, que esperamos que surja um dia, deverá debruçar-se mais detalhadamente sobre os moldes e restrições combinatórios no latim e no

[42] Um critério que não é nem absoluto nem completamente fiável, mas que parece servir, provisoriamente, para uma radiografia das formações não manifestadas ou restringidas nessa língua.

galego-português, cotejando-os com os atuantes no português moderno e contemporâneo, a fim de se estabelecer uma rota diacrônica mais minudenciosa para o fenômeno.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, A. F. de. **A prefixação no léxico da publicidade na mídia escrita**. 2010a. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7664. Acesso em: 8 jul. 2017.

ALBUQUERQUE, A. F. de. A prefixação intensiva em anúncios publicitários. In: ALVES, I. M. et al. (Org.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2010b. p. 79-93. Vol. 2.

ALVES, I. M. Formantes prefixais e lexicalização. **Matraga**, n. 14, p. 163-170, 2002. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001304955. Acesso em: 10 jun. 2017.

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. 2000. 594 f. Tese de Livre-Docência — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALVES, I. M. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. **Alfa**, n. 24, p. 9-14, 1980. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/107561. Acesso em: 8 jul. 2017.

ARONOFF, M.; FUHRHOP, N. Restricting suffix combinations in German and English: closing suffixes and the monosuffix constraint. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 20, n. 3, p. 451-490, ago. 2002.

BOMFIM, F. M. Composição por prefixação ou derivação prefixal? In: SILVA, J. P. da. (Org.). **Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa**, n. 2, p. 56-63, 2002.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista e atualizada de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DEPUYDT, E. **Los prefijos de intensificación en español**: archi-, extra-, super- y ultra-. 2009. 120 f. Dissertação (Master in de Taal — en Letterkunde) — Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Universiteit Gent, Gent. Disponível em: https://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/001/414/729/RUG01-001414729_2010_0001_AC.pdf. Acesso em: 22 mar. 2017.

DLPPE - DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

DINU, D. Prefix derivation in latin. **Studi şi cercetări de onomástica şi lexicologie**, ano V, n. 1-2, p. 125-135, 2012.

DI SCIULLO, A. M. Prefixes and sufixes. In: PARODI, C. et al. (Ed.). **Aspects of Romance Linguistics**: selected papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages. Washington: Georgetown University Press, 1996. p. 177-194.

DI SCIULLO, A. M. Prefixes and sufixes. Prefixed Verbs and Adjunct Identification. In: DI SCIULLO, A. M. (Ed.). **Projections and Interface Conditions**: essays on modularity. Oxford: Oxford University Press. p. 54-72.

FELÍU ARQUIOLA, E. **Morfología derivativa y semántica léxica**: la prefijación de *auto*-, *co*- e *inter*-. Madrid: UAM Ediciones, 2003.

FURLAN, O. A. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

HAY, J.; PLAG, I. What constrains possible suffix combinations? On the interaction of grammatical and processing restrictions in derivational morphology. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 22, n. 3, p. 565-596, 2004.

HAY, J. **Causes and consequences of word structure**. London: Routledge, 2003.

HAY, J. From speech perception to morphology: affix-ordering revisited. **Language**, n. 78, v. 3, p. 527–555, 2002.

HENDRICKSON, J. R. Old English prepositional compounds in relationship to their Latin originals. **Supplement to language**, Baltimore, v. 24, n. 4, p. 1-73, out./dez. 1948.

HENRIQUES, C. C. **Morfologia**: estudos lexicais em perspectiva sincrônica. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LEHRER, A. Prefixes in English word formation. **Folia Linguistica**, Berlim, v. 29, n. 1-2, p. 133–148, 1995.

LOPES, M. Breve panorama sobre os estudos do português arcaico no Brasil. **Macabéa – Revista Eletrônica do NETLLI**, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 372-410. Disponível em: http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1914. Acesso em: 20 nov. 2019.

LOPES, M. **Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI):** aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) — Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29879. Acesso em: 3 set. 2019.

LOPES, M. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 229-259.

LOPES, M. **A prefixação na primeira fase do português arcaico**: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV. 2013. 2v. 943 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras,

Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15537. Acesso em: 11 abr. 2017.

MACHADO FILHO, A. V. L. **Diálogos de São Gregório**: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: EDUFBA; Mosteiro de São Bento da Bahia, 2008.

MANOVA, S. Suffix combinations in Bulgarian: parsability and hierarchy-based ordering. **Morphology**, n. 20, p. 267–296, 2010.

MARTÍN GARCÍA, J. **Gramática y diccionario**: el prefijo re-. 1996. 512 f. Tese (Doctorado em Filología Española) — Departamento de Filología Española, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.

MARTÍN GARCÍA, J. **Los prefijos intensivos del español**: caracterización morfo-semántica. *E.L.U.A.*, Alicante, n.12, p. 103-116, 1998a. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/16359874.pdf. Acesso em: 11 abr. 2017.

MARTÍN GARCÍA, J. **La morfología léxico-conceptual**: las palabras derivadas con *re-*. Madrid: UAM Ediciones, 1998b.

MEDEIROS, A. B. de. Considerações sobre o prefixo *re-*. **Alfa**, n. 56, v. 2, p. 583-610, 2012. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5539. Acesso em: 11 abr. 2017.

MEDEIROS, A. B. de. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo *des-*. **Revista da ABRALIN**, v. 9, n. 2, p. 95-121, jul./dez. 2010. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52357. Acesso em: 11 abr. 2017.

NÚÑEZ CABEZAS, E. A. **Aproximación al léxico del lenguaje político español**.

2000. 833 f. Tese (Doctorado en Filología Española) — Departamento de Filología Española II, Teoría de la Literatura y Periodismo, Universidad de Málaga, Málaga. Disponível em: http://www.biblioteca.uma.es/bbldoc/tesisuma/1627684x.pdf. Acesso em: 17 abr. 2017.

OLIVEIRA, S. M. **Derivação prefixal**: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro. 2004. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86632. Acesso em: 7 jul. 2017.

PENA, J. La morfología léxica ante los retos del siglo XXI. **Cuadernos del Instituto Historia de la Lengua**, n. 2, p. 11-18, 2009. [Entrevista concedida a Mar Campos Souto]. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3037273. Acesso em: 20 jun. 2017.

PEREIRA, R. F. A prefixação neológica no vocabulário da propaganda contemporânea. **Alfa**, n.28 [supl.], p. 127-134, 1984. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3682/3448. Acesso em: 12 jul. 2017.

PLAG, I.; BAAYEN, H. Suffix ordering and morphological processing. **Language**, n. 85, v. 1, p. 109–152, 2009.

RIO-TORTO, G. M. (Org.). **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13485/3/Gram%C3%A1tica%20Derivacional.pdf. Acesso em: 12 jul. 2017.

RIO-TORTO, G. M. Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização. In: LOBO, T. et al. (Org.). **ROSAE**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 305-322.

ROMANELLI, R. C. **Os prefixos latinos**: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

SAMPAIO, L. R. T. **Edições e estudo do *Livro dos usos da Ordem de Cister*, *de 1415***. 2013. 369f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no português brasileiro**: análise morfofonológica. 2000. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SIEGEL, D. The adjacency condition and the theory of morphology. In: Stein, M. J. (Ed.). **Proceedings of the 8th Annual Meeting of the North East Linguistic Society**. Amherst Mass, 1977. p. 189–197.

SIEGEL, D. **Topics in English Morphology**. 1974. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Department of Foreign Literatures and Linguistics, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA.

SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. **ReVEL**, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_12_consideracoes_sobre_a_prefixacao.pdf. Acesso em: 2 jul. 2017.

STEHLÍK, P. El elemento *anti-*: ¿prefijo, prefijoide o preposición? **Études Romanes de Brno**, n. 33, v. 1, p. 377-384, 2012. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4365291. Acesso em: 10 jul. 2017.

TORRE ALONSO, R. Affix combination in Old English noun formation: distribution and constraints. **RESLA**, València, n. 24, p. 257-278, 2011. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3886049. Acesso em: 13 jul. 2017.

VARELA, S. **Morfología léxica**: la formación de palabras. Madrid: Gredos, 2005.

VARELA, S.; MARTÍN GARCÍA, J. La prefijación. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. p. 4993-5040.

VASCONCELOS, C. M. de. **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

VIARO, M. E. A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). ***ROSAE***: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 275-292.

XAVIER, M. F. (Dir.). **Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM**. Disponível em: http://cipm.fcsh.unl.pt/. Acesso em: 10 abr. 2014 a 17 jul. 2017.

ZIRKEL, L. **Can Complexity-Based Ordering be extended from English to German?** *Abstract* para o 3rd Vienna Workshop on Affix Order: Advances in Affix Order Research. Viena, 15-16 jan. 2011. Disponível em: http://homepage.univie.ac.at/stela.manova/Abstract_Hilkenbach.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

ZIRKEL, L. Prefix combinations in English: structural and processing factors. **Morphology**, n. 20, p. 239-266, 2010.